
Revista “Para Todos...”: uma história de Carnaval

Lucilia de Sá Alencastro

Docente do Centro Universitário Curitiba

Mestranda do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens - Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de quatro capas de edições consecutivas da Revista “*Para Todos...*” publicadas na cidade do Rio de Janeiro em 1927, durante a época de Carnaval. Objetivou-se destacar as mensagens comunicadas pelo ilustrador J.Carlos, responsável pela criação dessas capas, considerando-se que as quatro ilustrações desenhadas promovem uma narrativa única que se articula com os anúncios veiculados no verso. Para tanto, pesquisou-se o contexto de publicação de revistas no Rio de Janeiro, durante a primeira metade do Século XX e analisou-se a evolução do evento carnavalesco, bem como, sua importância para a sociedade carioca, evidenciada em algumas dessas revistas.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo de revista. Carnaval. Ilustração.

Abstract

This paper presents an analysis of four covers of consecutive issues of the Magazine for All... published in the city of Rio de Janeiro in 1927, during the Carnival season. Aimed to highlight the messages transmitted by illustrator J.Carlos, responsible for the creation of these covers, considering that the four drawn illustrations promote a single narrative that articulates with the advertisements presented overleaf. Therefore, we investigated the context of magazine publishing in Rio de Janeiro, during the first half of the twentieth century and analyzed the evolution of the carnival event, as well as its importance for Rio society, evidenced in some of these magazines.

Keywords: Communication. Magazine journalism. Carnival. Illustration.

1 Introdução

Durante a Primeira República, as revistas tiveram um importante papel na conformação da sociedade. Situando-se entre o livro e o jornal, ofereciam uma leitura diversificada e funcionavam “como um microcosmo, no interior do qual os intelectuais organizavam suas redes de sociabilidade, difundiam ideias e garantiam o sustento”. Era nas páginas das revistas que surgiam as novas formas de linguagem e expressão, através dos experimentos poéticos, da literatura, das caricaturas e da propaganda publicitária. Por serem publicações periódicas tinham, em parte, o papel informativo do jornal, porém de maneira mais condensada e de fácil consumo. Acrescentando-se, muitas vezes, uma aparência luxuosa com ilustrações e mensagens convidativas, abrangiam uma gama expressiva e diferenciada de leitores, diferentemente do livro, “objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos.” (MARTINS, 2008, p.27; VELLOSO, 2010, p.44).

A Revista "*Para Todos...*", produzida na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro, teve J.Carlos como principal designer e ilustrador. J.Carlos ilustrou também outras revistas como: "*O Malho*", "*Careta*" e "*Tico-tico*", produzindo através de seus desenhos um registro da sociedade da então capital federal do Brasil.

Conforme seu nome já informava, a Revista "*Para Todos...*" podia estar no quarto das moças, "nas mãos de uma *cocotte* ou de um almofadinha." Circulou por várias cidades do Brasil, "divulgando moda e hábitos e estabelecendo uma cultura que constitui um precioso testemunho da época." (SOBRAL, 2005, p.144)

A Revista era semanal e continha diversos assuntos: moda, notícias de eventos sociais, música, cinema, charges e divertimentos do tipo charadas e palavras cruzadas. Em 1918, após adquirir a empresa O Malho S.A., a Editora Pimenta de Mello passou a editar, além de "*Para Todos...*", as principais revistas da época: "*O Malho*", "*Ilustração Brasileira*", "*Leitura 'Para Todos...'*", "*Tico-tico*" e "*Cinearte*".

Numa época em que a fotografia ainda não era impressa com facilidade e o público consumidor nem sempre letrado, o artista gráfico e a ilustração eram fundamentais para o sucesso das revistas. Por esse motivo, escolheu-se como fio condutor deste artigo a

comunicação proposta pelas imagens desenhadas por J.Carlos nas capas da Revista "*Para Todos...*".

Para o carnaval de 1927, J.Carlos inovou na comunicação com os leitores, criando uma sequência de imagens que contam uma história de carnaval, veiculadas nas capas de quatro edições durante os meses de Fevereiro e Março. Devido a necessidades técnicas da impressão gráfica daquela época, quatro capas eram rodadas simultaneamente. Esta limitação, dada por motivos de economia, poderia ser um obstáculo, no entanto, nas mãos do artista tornava-se oportunidade. Assim, aproveitando o vínculo entre as cores disponíveis e a condição da produção conjunta das quatro edições, J. Carlos incumbiu-se de utilizar o tema carnavalesco para produzir uma narrativa entre as quatro edições de "*Para Todos...*".

Cabe destacar que estas capas eram compostas somente com desenhos, sem o compromisso com a representação da realidade e contando com a liberdade imaginativa do ilustrador. Devido às restrições na impressão de imagens fotográficas, a ilustração desenhada tinha importante papel comunicativo. Além disso, os desenhos compunham totalmente a capa, não havendo, como é comum nas revistas de hoje, textos escritos que complementam ou, ao contrário, subordinam a imagem a um segundo plano.

1 As revistas Para Todos e O Malho encontram-se digitalizadas no site www.jotacarlos.org

Neste artigo apresentam-se as investigações sobre os possíveis significados da mensagem transmitida nesta sequência de imagens e sua relação com o contexto da época e da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

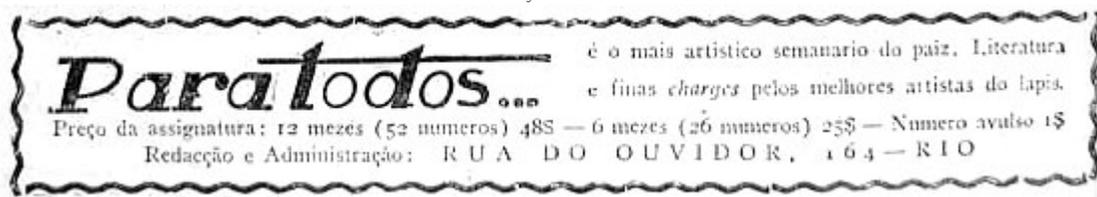
Para tanto, pesquisou-se a digitalização das edições dos meses de Fevereiro e Março de 1927. Foram analisadas, além das capas, também as imagens fotográficas das colunas sociais, retratando personalidades da época, imagens de festas e bailes, imagens da cidade durante o carnaval, imagens esportivas e imagens estrangeiras de artistas de cinema. Foram observados os textos, poesias e charges, especialmente os relativos a assuntos carnavalescos e, por fim, foram pesquisados os materiais publicitários, encontrados em grande quantidade. Entre estes, destaca-se o anúncio de Cafiaspirina, que será mencionado com destaque neste artigo por apresentar forte relação com as imagens desenhadas por J.Carlos.

Foram também pesquisadas algumas edições da Revista “*Para Todos...*” dos meses de Fevereiro e

Março, de anos anteriores (1922 a 1926) em busca de informações sobre os acontecimentos carnavalescos e a evolução na forma dos festejos. Ainda nesta busca folheou-se a revista “O Malho”, da mesma editora e época.

“O Malho” dirigia-se principalmente ao público masculino e tinha cunho político, abusando das caricaturas e das charges que eram também, em grande parte, desenhadas por J.Carlos. “*Para Todos...*”, embora atendesse a diversos públicos e tratasse de muitos assuntos, tinha um direcionamento mais voltado ao público feminino. Através de anúncios publicados em “O Malho”, foi possível identificar como “*Para Todos...*” apresentava-se ao público. Sob uma forma mais elitizada, promete ao leitor: “acompanhareis a vida elegante e intelectual do Rio, de São Paulo e de todos os grandes centros brasileiros” além de “informações ilustradas das capitais europeias.” E, embora também apresentasse algumas charges, estas eram de outro tipo: “finas charges”. (Figura 1)

Figura 1 - Anúncio da Revista “*Para Todos...*”, veiculado na Revista “O Malho”, edição de 12 de Fevereiro de 1927.



Pela pesquisa das revistas, foi-se recompondo o contexto da cidade do Rio de Janeiro na época, sendo possível perceber a grande importância social dos eventos carnavalescos e a forma como foram se modificando ao longo dos tempos.

2 Do Entrudo ao Carnaval

A fim de compreender as imagens apresentadas por J.Carlos torna-se necessário traçar uma breve história do carnaval, e, mais especificamente, de sua introdução e evolução no contexto da cidade do Rio de Janeiro. Por não ser este o objetivo principal deste texto, isto será feito de forma reduzida, trazendo para a investigação, além da contribuição de alguns pesquisadores do assunto, também um olhar atento ao próprio conteúdo da Revista "Para Todos...", bem como, de outras revistas da época.

Buscar as origens da festa carnavalesca seria mergulhar numa longa história que remonta cerimoniais de origens egípcias, gregas, romanas, babilônicas em vários tipos de manifestações. Resumidamente, pode-se com frequência encontrar explicações na mitologia, havendo sempre relação com os cultos à fertilidade da terra e às épocas de plantio ou de colheita, em que os mortais deveriam festejar para atrair um bom crescimento das sementes e dos frutos, ou comemorar

o sucesso da colheita. Assim, faz sentido associar a breve fase de alegria da colheita, aos festejos, bem como o longo tempo da germinação das sementes ao tempo de espera e resignação, repetindo-se sempre segundo o ciclo da natureza.

De acordo com os ditames da mitologia grega, dois deuses se opunham na organização do mundo: Apolo, estruturando a vida cotidiana e rotineira, simbolizando a ordem e a harmonia; e Dionísio, representando a desordem e a transformação da rotina em prazeres e excessos. A festa carnavalesca estaria então explicada sob esta visão dionisíaca, da transformação do cotidiano em momentos onde a inversão dos valores se tornasse essencial, podendo assim os homens "reproduzir suas aventuras, soltar suas vontades, realizar seus sonhos recônditos, dar vida às fantasias frustradas".

Posteriormente, muitos mitos e rituais do passado foram reconstruídos pelo cristianismo, porém muito tempo ainda foi necessário para que papas e soberanos da igreja aceitassem as orgias carnavalescas. Isto somente veio a acontecer no século XV, quando o Papa Paulo II incorporou a festa no calendário cristão. (SEBE, 1986, p.25).

No Brasil os festejos carnavalescos foram introduzidos pelos portugueses, com o Entrudo. A festa também teve influências dos bailes de máscaras

italianos, mas só veio a se tornar o carnaval brasileiro próximo do que se conhece nos dias de hoje, quando o negro passou a participar efetivamente com ritmos e contribuições da sua cultura. Antes participava apenas na produção dos limões de cheiro, que os foliões de origens mais nobres atiravam uns nos outros. Por essa época os ritmos mais frequentes eram a valsa, a polca e a mazurca incorporando posteriormente danças de origem africanas (COSTA, 1997, p.107).

Devido aos abusos nas brincadeiras, o Entrudo passou a sofrer represálias e proibições legais. Alguns pesquisadores atentam para o fato de que o ataque ao Entrudo no início do Século XX estava em consonância com o espírito de mudança daquela época, e que rejeitar todos os costumes e valores do colonizador português era dar espaço a modernidade, copiando as regiões elitizadas da Europa, especialmente a França e as maneiras parisienses.

Num texto de Martins Pena, publicado num Folhetim carioca de 1847, o escritor denuncia a situação:

Serão os bailes mascarados capazes de substituir o entrudo e fazê-lo desaparecer dos nossos costumes? É esta uma questão difícil de responder-se.

O entrudo é um jogo bárbaro, pernicioso e imoral. A autoridade, que tem o dever de zelar sobre a moral e a tranquilidade pública, assim pensa, e há anos a esta parte que se afadiga em publicar

ordens nos jornais para que ele cesse, ameaçando os infratores com multas e prisões; (PENNA, 1847)

Martins Pena faz menção aos bailes de mascarados europeus como “torrentes de luz e harmonia” e prossegue enaltecendo o novo costume carnavalesco em substituição ao Entrudo:

[...] desusado motim e alvoroço ecoa pelos ares; o delírio também de nós se apodera: tomemos uma máscara, um dominó, por ser o mais cômodo e leve, e corramos para misturarmo-nos com a multidão e gozarmos dos seus prazeres, e presenciarmos os seus folguedos. (PENNA, 1847)

Ao mesmo tempo, o escritor alerta que os bailes não eram para todas as camadas da população, estando restritos a um grupo mais elitizado e sugere que fossem criadas opções para o povo:

Os bailes nos teatros são dispendiosos, e nem todos podem comprar bilhetes de entrada; a maioria da população fica deles excluída. Organizem-se, para remediar essa falta, danças mascaradas e correrias burlescas pelas ruas e praças, que o povo as seguirá, esquecendo-se da água e do polvilho. (PENNA, 1847)

Assim o carnaval brasileiro foi sofrendo mutações e novos divertimentos foram tomando o lugar de antigos. Os responsáveis pela realização das festas passam a estar separados em classes sociais distintas.

Na Revista “O Malho”, nº 1274, de 12 de Fevereiro de 1927, encontra-se um texto, assinado por Adalberto Mattos, que mostra esta distinção entre camadas sociais e apresenta um panorama dos festejos do carnaval carioca nessa época.

O Carnaval de hoje é o curso monótono, com decorações de mau gosto, só permitido aos ricos. Outr’ora quem se divertia realmente era o povo, o entrudo era o “pivot” dos divertimentos, não custava nada e era bem mais engraçado que os de ether e outras drogas nocivas aos olhos e a pelle. O entrudo tinha um encanto especial, tinha o “limão de cheiro” e as seringadas irreverentes nos colarinhos duros, nas cartolas pelludas e babados engomados... [...]

O que é mais doloroso é a perda dos característicos que o nosso Carnaval oferecia; as mascaras genuinamente nacionais desapareceram completamente. [...] Hoje, o que se vê pelas ruas da cidade, não possui o menor vislumbre de característicos: os “Apaches”, os “Clowns”, os “Palhaços” e os “Sijos” constituem o grosso do Carnaval. Um ou outro “Dominó” aparece, raro é o “arlequim” e ainda mais raro é o mascarado espirituoso que sabe dar um trote sem ofender, unicamente com os recursos da ironia e da pilberia. (Revista “O Malho”, 12 de Fevereiro de 1927, p.26)

A pesquisadora Maria Isaura de Queiroz relata lembranças de carnaval, vividas por sua família, desde avós e bisavós, e vai através delas, situando as mudanças nas festas acontecidas nas décadas de 1920 a 1940.

No curso da Avenida Paulista, meu pai recomendava ao motorista: “Não vá rente às calçadas, vá na fila do meio!” Pois o povaréu se amontoava nas calçadas, vendo passar os automóveis com as belas fantasias, e não se sabia o que poderia tentar algum “engraçadinho” mais ousado. (QUEIROZ, 1999, p.18)

A autora explica que a “promiscuidade” fora pouco a pouco se tornando intolerável fazendo com que as famílias da camada superior fossem deixando as ruas para aqueles que não eram de “sua classe social”. Também a produção e importação maciça de automóveis fechados, não conversíveis, fez com que o Corso desaparecesse de vez e assim as classes mais abastadas, que haviam inicialmente sido promotoras e participantes das festividades de rua, passavam agora a espectadores dos blocos e cordões promovidos pelas camadas populares. Era uma nova fase na história carnavalesca, chamada inicialmente de Carnaval Veneziano e, mais tarde, Grande Carnaval onde despontavam os grandes bailes de salões em clubes e sociedades. Nestes bailes valorizavam-se, então, as máscaras e as fantasias, como uma forma de se permitir certos excessos sem que se fosse reconhecido.

É neste cenário que se inserem as imagens desenhadas por J.Carlos na Revista “Para Todos...” destinadas ao carnaval de 1927.

3 A Ilustração e as revistas do início do século

A ilustração para uma revista diferencia-se da arte na medida em que possui a responsabilidade de comunicar uma mensagem específica. A liberdade no uso de materiais artísticos ou formas de expressão não desvincula o ilustrador da obrigação de transmitir a informação pretendida. Ainda assim, leva em conta o potencial criativo do artista, que pode tão somente “reproduzir a realidade” copiando algo a partir de uma cena real ou fotografia, como também pode “cria-la” a partir de sua imaginação.

A comunicação através da ilustração nas revistas brasileiras firmou-se no final do Século XIX e atravessou toda a primeira metade do Século XX enquanto ainda não havia a facilidade da impressão de fotografias em meios gráficos. “O *Cruzeiro*”, fundada em 1928, foi a primeira revista que integrou definitivamente a fotografia à sua estrutura editorial, mas mesmo assim, as ilustrações desenhadas continuaram presentes, acompanhando textos literários ou humorísticos, enquanto a fotografia se destinava a reportagens. Também os desenhos de humor destacaram-se durante todo este período, tendo sido feito, às vezes, por artistas, hoje principalmente reconhecidos por obras de

artes plásticas, como por exemplo, Portinari e Di Cavalcanti:

Os artistas tomavam liberdades em seus trabalhos, adotando formas estilizadas. Sob a influência do art déco e do expressionismo, as pinceladas fartas foram se impondo às nuances nas ilustrações. Mas o lápis, muito bem afiado pelos caricaturistas, acabou por trazer mais contribuições a esses desenhos do que a própria pintura. [...] artistas plásticos como o pintor Di Cavalcanti, participante ativo da Semana de Arte Moderna de 1922 e caricaturista respeitado, criava capas marcantes no princípio do século. (ABRIL, 2000, p.68)

Entre as revistas, existiam muitas dirigidas principalmente para o público feminino, como por exemplo, “*Fon-Fon*” e “*A Cigarra*”, que traziam referências do modelo da imprensa então em voga na Europa. Os desenhos que enfeitavam as capas, geralmente não tinham nenhuma ligação com o conteúdo da revista ou com fatos do momento, no entanto, podem-se encontrar algumas situações onde as épocas do calendário, como Natal e Carnaval, bem como alusões às estações do ano, estão representadas.

Na Revista “*Para Todos...*”, as capas de J.Carlos, de um modo geral, tinham uma configuração própria que as diferenciava de outras revistas também desenhadas por ele. Em “*O Malho*”, J.Carlos explorava principalmente os recursos da charge e da caricatura, dirigindo-se principalmente ao público masculino interessado em

assuntos políticos. Nesta revista as capas apresentavam legendas, quase sempre na parte inferior da página ou mesmo em forma de “balões”, que traziam o leitor primeiro a compreender o assunto, para depois reforçar o entendimento através da imagem. Já em “*Para Todos...*” os desenhos falavam por si. Embora a revista fosse produzida para um público diversificado, conforme o nome já indicava, as imagens das capas se dirigiam principalmente às mulheres, especialmente às mais jovens e da classe alta.

Na maior parte das capas de “*Para Todos...*”, entre cerca de 200 edições visualizadas, a mulher é o tema central da ilustração. Em geral, através de uma profusão de elementos visuais, a figura feminina é inserida num clima de fantasia, onde outros personagens, quase sempre míticos, estão retratados em escalas diferentes, de acordo com a situação: quando são seres que estão à seu serviço, são retratados em tamanho pequeno, como subalternos: homens pequeninos, cupidos, anjos, bobos. Já, em outros casos, seres demoníacos e mascarados apresentam-se em tamanhos maiores, como se a seduzi-la diante das tentações.

As capas onde a mulher aparece sozinha também utilizam uma grande quantidade de ornamentos visuais que sempre a envolvem numa composição dinâmica, onde parece que flutuam, voam ou dançam. Ora são asas de borboleta que se mesclam à figura, ora são os

contornos do vestido que partem dela e envolvem a página inteira. Numa vê-se a onda do mar, enorme, a levantá-la divertidamente, em outra são os pacotes de compras que, agigantados, bailam com ela pela página. Esse clima fantasioso está presente em quase todas as capas desenhadas por J.Carlos em “*Para Todos...*”, e ainda mais visível quando o tema é Carnaval.

A imprensa direcionada ao público feminino teve, desde o séc. XIX, duas orientações opostas: a primeira continha publicações que enalteciam o papel subalterno da mulher, valorizando as qualidades femininas como sendo apenas aquelas próprias do lar e da vida doméstica. No segundo grupo estavam as revistas que desejavam promover uma maior participação da mulher na vida social, incentivando as lutas pelo direito de voto e pela educação. (BUTONI, 1981, p.28).

Durante as primeiras décadas do Século XX estas divergências ainda se mantinham, no entanto seria, talvez, apressado ou leviano afirmar que a Revista “*Para Todos...*” estivesse exatamente em um grupo ou no outro. O conteúdo da revista era bastante diversificado apresentando moda feminina, algumas fotografias de eventos e festas da sociedade carioca, críticas sobre cinema e conteúdo sobre artistas, música e partituras musicais, poesias, crônicas, charadas, charges e palavras cruzadas. Aparentemente, o conteúdo era mesmo “*Para*

Todos...”, conforme o nome indicava. Mas, analisando-se a coleção de capas da revista¹ verifica-se que as imagens de J.Carlos eram principalmente direcionadas às mulheres.

Ao mesmo tempo, as ambiguidades na maneira de retratá-las oscilavam entre coloca-las numa posição de superioridade, apresentando-se como vanguarda de costumes, ou trata-las como frívolas e dignas apenas do desejo masculino. Se por muitas vezes elas são delicadas lembrando figuras diáfanas como fadas e anjos, em outras se apresentam ao extremo da sensualidade, sendo possível encontrar algumas capas onde a figura tem o seio nu², algo talvez bastante avançado para os costumes da época.

É dentro dessas ambiguidades que estão desenhadas as quatro capas do Carnaval de 1927.

4 “Para Todos...” no Carnaval de 1927

Utilizando o “triângulo amoroso” da Comedia Dell’Arte italiana³, Arlequim, Colombina e Pierrot, J. Carlos conta uma história sequenciada durante quatro semanas.

Na primeira semana, (publicada antes do carnaval) Arlequim está seduzindo a Colombina, sob o olhar triste e apaixonado do Pierrot. Ao lado, a caricatura de uma lua, com ar maroto de cumplicidade. Os três personagens, flutuam sobre guizos no clarão da noite enluarada. Os edifícios pequeninos no canto inferior da imagem situam os personagens “no céu”, acima da cidade e da rua, já indicando que o que acontece neste momento carnavalesco está fora da realidade, fora do cotidiano. A imagem toda é um convite à luxúria carnavalesca. (Figura 2) Abre-se a revista: Na face interna desta capa (1ª contracapa) encontra-se um anúncio do analgésico Cafiaspirina (Figura 3) emprestando significados à imagem da capa, cria um clima de ansiedade, com o título principal: “Está chegando a hora”... A imagem é uma mulher de fantasia sensual a frente de um relógio “sinalizando” que a folia que está “chegando” e o texto complementa:

Dentro em pouco, rompendo o monótono vae-vem da vida quotidiana, será a Hora do Carnaval. Hora de alegria, de risadas, de “flerts”, de música, de loucura! Hora deliciosa, cheia de ventura, para recompensar-nos de tantas horas tristes e amargas que temos vivido. Cumpre preparar-nos para que possamos gozar-la minuto por minuto, segundo por segundo! Temos

² Disponíveis em www.jcarlos.org.br.

³ Revista Para Todos nº386, n.º394, nº398, nº403, nº405, nº407, nº409, nº410, nº444, nº456, nº465, nº499, nº550 e nº628.

⁴ Comédia Dell’Arte era uma forma de teatro popular de rua, frequente na Itália do Séc. XV, onde eram famosos os personagens Arlequim, Colombina e Pierrot.

que prevenir-nos physica e espiritualmente para que estejamos em condições de receber, de braços abertos, todo o tesouro de alegria que esta hora nos traz e de repelir resolutamente toda a tristeza que procura dominar-nos. Não devemos esquecer-nos, a dor physica é um inimigo traiçoeiro que pode assaltar-nos quando nos sentimos mais felizes do que nunca e que a nossa melhor defesa é a Cafiaspirina. (Revista “Para Todos...”, edição de 12 de Fevereiro de 1927, p.3)

Figura 2 - Capa da Revista “Para Todos...”, edição de 12 de Fevereiro de 1927.



Figura 3 – Anúncio de Cafiaspirina na contracapa da Revista “Para Todos...”, edição de 12 de Fevereiro de 1927.

12

ESTA CHEGANDO
A HORA...

Dentro em pouco, começará a monitona vacação da vida quotidiana, mas a Hora do Carnaval! Hora de alegria, de risadas, de "Lata", de música, de laceras! Hora de delicias, deais de sonhos, de a reconquistar nos de tantas horas tristes e amargas que temos vivido.

Começo preparar-nos para que possamos gozar a tempo por tudo isto, segundo os seguintes: Tenho que prevenir-me physica e espiritualmente para que esteja em condições de receber, de braços abertos, todo o tesouro de alegria que esta hora nos traz, e de repelir resolutamente toda a tristeza que procura dominar-nos. Não devemos esquecer-nos, a dor physica é um inimigo traiçoeiro que pode assaltar-nos quando nos sentimos mais felizes do que nunca, e que a nossa melhor defesa é a

CAFIASPIRINA

Dá os seguintes alívios rapidamente e mais tarde não dá de talpa, de dores, de insónia, etc. e curam, caso por caso, o mal de cabeça e o mal de estômago que separam ao longo das laceras e briguetas, a estrema agitação nervosa e a insensibilidade.

NÃO AFFECTA O CORAÇÃO NEM DE RINS

DA BAYER

Também o anúncio de Cafiaspirina acontece de forma seriada nas quatro edições da revista, localizando-se sempre na face interna da capa.

Nas quatro edições é possível perceber-se a interação entre a capa e a contracapa, entre o desenho de J.Carlos e a mensagem do anúncio. Era como se o medicamento fosse indicado “Para Todos...” os

excessos e “pecados” induzidos pela imagem que se tinha acabado de ver e, ao mesmo tempo em que se colocava como uma espécie de solução ou de perdão, também reforçava os convites ditados pela imagem da capa em questão, com textos que contrapunham as horas amargas da vida, às horas felizes e fugazes do Carnaval.

Na segunda semana, a capa de J.Carlos continua a história: Pierrot atônito tem diante de si, o Arlequim, a quem acabara de matar. (Figura 4) Dentro, a mensagem principal do anúncio indica: “Chegou a hora” (Figura 5) e em seguida o texto explica que as “horas de sofrimento e aflição cedem ao magico impulso da Hora Feliz”. É como, se mais uma vez, todos os impulsos carnavalescos estivessem perdoados, inclusive matar por amor.

Finalmente chegou ruidosa e louca, a Hora do Carnaval. Passemos para as fileiras de sua Majestade! As horas de sofrimento e aflicção, as horas de ansiedade e de luta, as horas de monotonia e tristeza, todas ellas cedem ao seu magico impulso e ficam sepultadas sob a onda de alegria que abi vem com a Hora Feliz. Deixemos-nos levar por esta prodigiosa onda multicolor. Vamos rir, vamos esquecer e, como os outros, entregar-nos à folia. Diariamente somos açoitados sem misericórdia pelas vagas do mar da vida. Já que esta onda perfumada vem para acariciar-nos, deixemo-nos acariciar! (Revista “Para Todos...”, 12 de Fevereiro de 1927, p.3)

A terceira semana, apresenta a “Hora Feliz”. Na capa, Pierrot vitorioso, leva nos ombros sua amada, que, sem se importar com nada, também cai na folia. Indiferente à morte do Arlequim, exhibe sua cabeça em uma bandeja. O Ambiente é sol a pino. (Figura 6) Dentro, o anúncio tem o título: “Horas felizes” (Figura 7) e o texto mais uma vez “perdoa” o leitor: “medo? receio? Por que ter dor de cabeça?”

Vivamo-las com toda a intensidade, porque ellas são breves e jamais voltarão! [...]

Música, dança, amor, vinho, delírio, esplendor, tudo que cada minuto nos traz, como dádivas preciosas, estas horas felizes devemos goza-las amplamente. – Medo, receio? De que? Porque podemos ficar cansados e com dor de cabeça amanhã? Que importa! Para isto existe

a Cafiaspirina. (Revista “Para Todos...”, 26 de Fevereiro de 1927, p.3)

Na última capa da série, publicada na semana após o Carnaval, o diabo se apresenta em destaque, finalizando a folia. A imagem é toda em fundo escuro e todos estão no nível do chão. O diabo varre, de maneira sorrateira, os restos da festa e de todos aqueles que, nas imagens

Figura 4 - Capa da Revista “Para Todos...”, edição de 19 de Fevereiro de 1927.

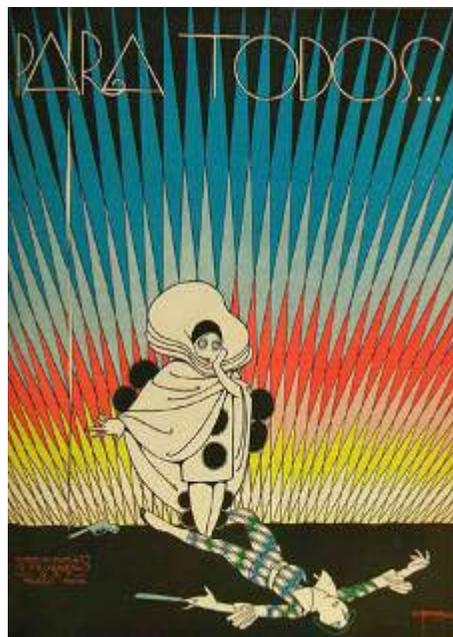


Figura 5 – Anúncio de Cafiaspirina na contracapa da Revista “Para Todos...”, edição de 19 de Fevereiro de 1927.

PARA TODOS

CHEGOU A HORA!

Finalmente chegou, ruidosa e louca, a Hora do Carnaval. Passemos para as fileiras de sua Majestade!

As horas de sofrimento e aflicção, as horas de ansiedade e de luta, as horas de monotonia e tristeza, todas ellas cedem ao seu magico impulso e ficam sepultadas sob a onda de alegria que abi vem com a Hora Feliz.

Deixemos nos levar por esta prodigiosa onda multicolor. Vamos rir, vamos esquecer e, como os outros, entregarmo-nos à folia. Diariamente somos açoitados sem misericórdia pelas vagas do mar da vida. Já que esta onda perfumada vem para acariciar-nos, deixemo-nos acariciar! É para esta hora feliz que o nosso constante inimigo, o diabo diabólico, não consegue alcançar-nos esta alegria. Levemos, para onde for, um tubo de alívio!

CAFIASPIRINA

Dois comprimidos alívio rapidamente a mais intensa dor de cabeça, de dentes, de ouvido, etc., e cessa, como por encanto, o mal-estar e o abateimento causados pelo abuso das bebidas alcoólicas, pela excessiva excitação nervosa e pela fadiga.

NÃO AFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

BAYER

Figura 6 - Capa da Revista “Para Todos...”, edição de 26 de Fevereiro de 1927.

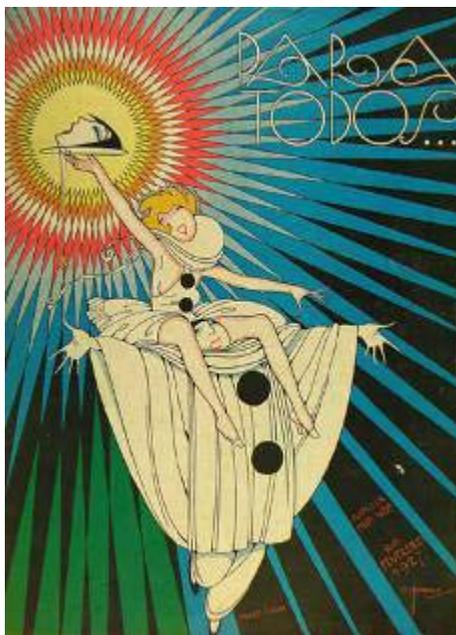


Figura 7 – Anúncio de Cafiaspirina na contracapa da Revista “Para Todos...”, edição de 26 de Fevereiro de 1927.



anteriores, se apresentavam como protagonistas das histórias de carnaval. (Figura 8) Histórias de amor, histórias passageiras no relógio das “horas felizes ou tristes”, como indicará na página seguinte o texto do anúncio. (Figura 9) Atrás de tudo, com olhar de desdém, a colombina, agora numa fantasia mais adequada às moças de família, vai “saindo de cena” pela fenda da cortina negra. Ainda podem-se perceber

em sua roupa, pompons da fantasia do Pierrô e losangos da roupa do Arlequim, indicando que uma marca dessas histórias ela ainda levaria consigo.

Na contracapa, o anúncio apresenta outra colombina, em primeiro plano, observando atentamente os momentos de fantasia personificados adentrando um relógio, para o fundo da página e o texto indica:

Um por um desfilam em caminho para a Eternidade, para nunca mais voltarem, os momentos felizes que o Carnaval nos trouxe. Passou no relógio da nossa vida, aquela Hora Feliz, inesquecível e novamente surgem as Horas tristes.”[...] “Bem caro temos que pagar cada momento de alegria que gozamos neste valle de lágrimas. Todavia encontra-se alívio para tudo isto, graças a Cafiaspirina. (Revista “Para Todos...”, edição de 5 de Março de 1927, p.3)

Considerações Finais

O traço de J.Carlos tinha características da caricatura. Em outras revistas como “O Malho” e Careta, o artista trabalhava principalmente no desenho de caricaturas e charges políticas. Já, em “Para Todos...”, a ilustração tinha também um objetivo artístico, como mostrava o anúncio veiculado em “O Malho”: “Lendo o semanário “Para Todos...” acompanhareis a

vida elegante e intelectual do Rio, São Paulo e de todos os grandes centros brasileiros. Constantes informações ilustradas das capitais européas.”

Inicialmente a revista retratava fielmente artistas do cinema americano, mas quando, em 1926 foi criada outra revista específica neste assunto (Cinearte), “*Para Todos...*” entrou numa nova fase, deixando de lado a ênfase na informação cinematográfica. Neste momento a qualidade do ilustrador pode se manifestar com toda a liberdade.

Dedicando-se principalmente ao desenho da figura da mulher, suas capas já pareciam pre-nunciar novos comportamentos e conquistas femininas. No entanto, pode-se verificar o lado contrário da questão. Através de seu traço irreverente, provavelmente oriundo de sua grande experiência como caricaturista, J.Carlos, muitas vezes, apresentou a figura feminina como fútil e inconsequente. Talvez esta fosse uma forma de atrelar as questões feministas apenas a um grupo reduzido que não deveria servir de exemplo para a maioria. Rachel Soihet (2005) em seu texto “Zombaria como arma antifeminista” denunciou este procedimento, já no séc XIX, na França, no trabalho do caricaturista Honoré Daumier, que tinha como alvo “as mulheres que não

Figura 8 – Capa da Revista “Para Todos...”, edição de 5de Março de 1927.

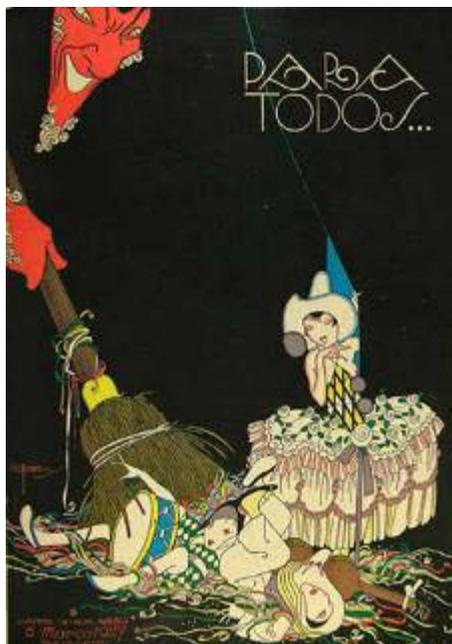


Figura 9 – Anúncio de Cafiaspirina na contracapa da Revista “Para Todos...”, edição de 5de Março de 1927.



queriam resignar-se a serem mulheres” e tratava de representa-las ridicularizando seus comportamentos.

Ao interpretar os fatos pelo caminho do humor, a Revista “*Para Todos...*”, no desenho de J.Carlos, deixava aberta a construção dos significados, que poderiam ser interpretados sob a ótica de cada um. Se as imagens traziam as ambiguidades, cabia a cada leitor decifrá-las

de acordo com seus interesses. Sendo uma moça ávida pela liberdade de costumes, tratava de entendê-las a seu favor. Já se era um senhor antiquado, poderia interpretar que aquelas figuras não representavam as moças de família, mas apenas as mulheres levianas.

Nesta análise, pensou-se, portanto, não apenas na história de *"Para Todos..."* do ponto de vista de sua produção, mas também do ponto de vista de "seus receptores ou consumidores, visualizados não como lugares de análise estanques, e sim envolvidos

numa processualidade que produz a mistura desses universos." (BARBOSA, 2010)

No caso das quatro edições de Carnaval do ano de 1927, analisadas neste artigo, esta possibilidade de deslocamento de sentidos pôde fazer-se ainda com mais facilidade, devido à interferência da contracapa contendo os anúncios de Cafiaspirina.

Assim multiplicavam-se as possibilidades de leitura e a conquista de um público diversificado e, então, era mesmo *"Para Todos..."*.

Referências

- ABRIL, A Revista no Brasil. São Paulo: Ed.Abril, 2000.
- BARBOSA, Marialva Carlos. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: MauadX, 2010.
- BELMONTE, Alexandre. Folia Colonial. In: *Revista de História*. Rio de Janeiro: Ed.da Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/conteudo-complementar/entrudo> Acesso em 04/02/2012.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo, SP: Loyola, 1981.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Rito e o Tempo: ensaios sobre o Carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- COSTA, Haroldo. O Negro na MPB: Breve Panorama – *Revista do IPHAN* '25, ano 1997 Disponível em: < http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib = \\Acervo01\drive_n\Trbs\RevIPHAN\RevIPHAN.docpro > acesso em 06/08/2012
- DENIS, Rafael Cardoso. (org.) *O Impresso no Brasil, 1808 a 1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- JOTA CARLOS EM REVISTA. Digitalizações *das Revistas “Para Todos...” e “O Malho”*. Disponível em <http://www.jcarlos.org.br>. Acesso em Janeiro, Fevereiro e Março de 2012.
- LAGO, Pedro Côrrea. *Caricaturistas Brasileiros. 1836-2001*. 2.ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.
- LOREDANO, Cássio; SIMAS, Luiz Antonio. *O Vidente Miópe: J.Carlos n”O Malho”*. Rio de Janeiro: Folhas Secas, 2007.
- _____. *O Bonde e a linha: um perfil de J.Carlos*. São Paulo: Capivara, 2002.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de república (1890 a 1922)*. São Paulo: Fapesp, 2008.
- PENA, Martins. *Os Bailes Mascarados*. Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro de 1847 in Folhetins. A semana lírica. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965 disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=846&sid=280> acesso em 04/02/2012
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: O vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2004.

SEBE, José Carlos. *Carnaval, Carnavais*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

SOBRAL, Julieta. *O Desenhista invisível*. Rio de Janeiro: Ed. Folha Seca, 2007.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Revista Estudos Feministas* vol. 13 n° 3. Florianópolis Set./Dec. 2005

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a08v13n3.pdf>> em 29/10/2011

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ. *Normas Técnicas*: Elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos-científicos. 3.ed, Curitiba: UTP, 2012

VELLOSO, Monica Pimenta in: OLIVEIRA, Claudia; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. *O Moderno em revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.